

## o (des)encontro do brasil consigo mesmo: ditos e escritos de edgard leuenroth

christina lopreato\*

Edgard Frederico Brito Leuenroth, personagem importante da história do(s) anarquismo(s) no Brasil, nasceu no interior de São Paulo, em Mogi-Mirim, em 31 de outubro de 1881, quando o Brasil ainda vivia sob o regime monárquico e escravocrata. Ainda jovem, flertou com o republicanismo que dava seus primeiros passos no país, mas, em pouco tempo, se desencantou com os descaminhos da República em terras brasileiras. Em 1904, iniciou sua trajetória de militância libertária interrompida somente quando, em idade avançada, suas forças físicas de octogenário não mais lhe permitiram agitar a bandeira anarquista.

Ainda jovem, vivenciou a passagem do século XIX/XX como “fazedor de jornais”. Sua inserção na lida jornalística foi precoce. Aos 15 anos, começou a trabalhar no jornal *Comércio de São Paulo* como tirador de provas e mais tarde como tipógrafo. A passagem por este jornal ficou assim registrada em seus manuscritos autobiográficos: “Nunca tive estudos regulares. Aprendi comigo. Sou autodidata. Tudo colhi na universidade da vida.

\* Doutora em História Social e Professora da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. Dedicou-se ao estudo do anarquismo no Brasil. É autora do livro *O espírito da revolta. A greve geral anarquista de 1917* (São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 2000).

O jornal *O Comércio* de São Paulo foi um verdadeiro escrínio de intelectuais. Pode ajuizá-lo acerca desta assertiva por esta equipe que lá encontrei, secundada por outras, no decorrer dos anos. Eduardo Prado (diretor), Afonso Arinos (redator chefe). (...) Tive ali, de certo modo, o prolongamento do curso escolar, inopinadamente truncado. Nos intervalos da sequência das provas a tirar, punha-se à porta da redação e a ouvir, o mesmo fazendo junto à revisão e, ainda, sondando as tertúlias da improvisada sala de estar.”<sup>1</sup>

Leuenroth se fez jornalista. Autodidata, com 16 anos incompletos fundou, em 1897, seu próprio jornal, *O Boi*, publicação quinzenal que circulava no bairro do Brás, em São Paulo. Desde jovem, defendeu a imprensa livre e, ao longo de sua trajetória de jornalista engajado, lutou aguerridamente pela liberdade de expressão e pelo livre-pensamento. Inspirado em Victor Hugo, publicou, na primeira página do seu primeiro jornal, na edição de 12 de setembro de 1897, as inquietações do escritor com a censura que rondava os jornais na França: “A imprensa é a voz do mundo. Onde há luz está a providência. Quem reprime o pensamento atenta contra o homem. Falar, escrever, imprimir e publicar (...) são círculos sucessivos à inteligência ativa: são essas as ondas sonoras do pensamento (...) Onde a imprensa livre é interceptada, pode dizer-se que a nutrição do gênero humano está interrompida. A missão do nosso tempo é mudar os velhos fundamentos da sociedade, criar a verdadeira ordem e colocar em toda a parte a realidade no lugar das ficções. Nesta deslocação das bases sociais, que é o trabalho colossal do século — nada resiste à imprensa. (...) A imprensa (...) escrava! A reunião de palavras, impossível! Não, por mais que façam os déspotas, não, não há escravidão para o espírito.”<sup>2</sup>

Ainda adolescente, já tinha clareza da importância da liberdade de expressão e da força da imprensa livre como meio propulsor de idéias progressistas. Por acreditar não haver escravidão para o espírito que se quer

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

livre, escreveu e falou sem peias, arcando com as consequências da sua ousadia. E foi principalmente nas atividades desenvolvidas nos jornais que teve contato com diferentes correntes do pensamento e abraçou o anarquismo. O seu engajamento na imprensa anarquista ocorreu em 1905, como co-fundador, administrador e redator do jornal *Terra Livre*, dirigido por Neno Vasco, e publicado na cidade de São Paulo. Antes disso, em 1903, foi introduzido por Estevão Estrela nas idéias socialistas filiando-se ao *Círculo Socialista Primeiro de Maio*. No ano seguinte, entrou em contato com as idéias anarquistas e, desde então, foi defensor incansável dos ideais libertários até sua morte, em 28 de setembro de 1968.

Com a imprensa estabeleceu um vínculo estreito que se estendeu até seus últimos dias. Fez do jornalismo não só uma profissão, mas principalmente um meio de militância. Foi fundador, diretor, redator, administrador e colaborador de vários periódicos. E também “sempre gostou de reunir, colecionar e organizar informações sobre a imprensa. Organizou e dirigiu os arquivos de *A Noite* (edição paulista), *Jornal de São Paulo* (em suas duas fases), *A Época*, *Jornal do Comércio* (Recife) e trabalhou na renovação dos arquivos *Folha da Manhã* e *O Globo* (Rio de Janeiro).”<sup>3</sup>

Leuenroth cultivou o “pendor vocacional” (palavras suas) de arquivista. Com essa sua “mania” de guardar papéis, ele acumulou um rico acervo de documentos sobre a história do(s) anarquismo(s) no Brasil, de um modo geral (panfletos, material de propaganda, fotografias, entre outros), e, em especial, da imprensa anarquista (coleções de jornais libertários, material de edição, de controle da confecção e distribuição dos jornais que ele dirigiu, colaborou, foi redator ou editor responsável). Como arquivista (ele assim se autodenominava) deixou como legado uma documentação extraordinária. Uma parte dela, comprada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), deu origem ao Arquivo Edgard

Leuenroth (AEL) e encontra-se disponível para consulta. Uma outra parte está sob a guarda do Círculo Alfa de Estudos Históricos, cujo responsável, Parmênides Cuberos, sobrinho de Jaime Cubero, companheiro de militância de Leuenroth, me permitiu acesso a uma documentação ainda inexplorada. E é sobre esta documentação preciosa, constituída de textos manuscritos e de textos datilografados ainda desconhecidos dos pesquisadores, que atualmente estou debruçada.

Edgard foi militante ativo nas manifestações populares ocorridas em São Paulo, nas duas primeiras décadas do século XX e teve participação decisiva na greve geral de 1917 como incentivador, organizador e orientador das jornadas libertárias de Julho. Orador vibrante, foi presença constante nos comícios e agitações públicas que ocorreram durante o primeiro semestre deste mesmo ano, momento de preparação da greve geral. No calor das primeiras manifestações grevistas, fundou, em 9 de junho, *A Plebe*, jornal libertário porta-voz das reivindicações operárias no ano de 1917. Também teve papel de destaque como membro do Comitê de Defesa Proletária (CDP) nas negociações junto aos patrões e industriais que levaram à suspensão da greve geral.

Pelo seu engajamento no movimento grevista foi preso em setembro de 1917 e processado<sup>4</sup> como “mentor psico-intelectual” do assalto ao Moinho Santista, ocorrido durante as agitações operárias. Durante os seis meses em que ficou encarcerado, sob acusação de ter cometido um crime de multidão, preparou sua auto-defesa na qual afirmou ter sido preso e processado por defender idéias libertárias. E com o mesmo espírito de livre-pensador e de assumir a responsabilidade por suas ações, rebateu as acusações que sofreu em outros processos que lhe valeram, durante sua trajetória de militância, passagens sofridas pelos cárceres. Quando da sua prisão no ano de 1935, reafirmou, na sua auto-defesa, ter “(...) muito respeito à minha pessoa para

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

fugir às responsabilidades de minhas atitudes sempre tomadas conscientemente. (...) Antes de tudo, sabem todos os que me conhecem que jamais neguei meus atos. As minhas ações são sempre oriundas de bem pensadas resoluções de minha consciência guiada por um inabalável senso de responsabilidade.”<sup>5</sup>

E pela acusação de ser o responsável pela publicação do jornal anti-clerical *A Lanterna*, no ano de 1935, respondeu com firmeza: “É verdade (...) Se resolvi publicar *A Lanterna* foi porque julgava necessária aos interesses dos brasileiros, bem como da coletividade humana, a obra justificava a existência desse jornal. Portanto, porque negar? Errados ou certos os princípios sustentados pela *Lanterna*? Essa é uma outra questão que não cabe no âmbito do processo em que me envolveram. É uma questão de convicção, de imperativo de consciência, de foro íntimo. Defendia uma causa que reputava útil à coletividade. Estava em erro? Pois que me convençam disso. Prender-me e processar-me por defender idéias? Ai é que está o erro (...)”<sup>6</sup>

Leuenroth usou a pena e a voz em defesa dos ideais anarquistas e assumiu os riscos das suas intrépidas decisões. Engajou-se nas campanhas contra a carestia de vida, contra a guerra e o militarismo, contra o integralismo, entre outras. Incentivou gerações a lutar por um mundo melhor para a humanidade e atravessou o século XX defendendo a paz entre os homens em guerra, em especial durante os dois conflitos que abalaram o mundo. Fez da objeção de consciência seu imperativo moral por acreditar ser ela que dá dignidade ao homem.

Ao longo da sua trajetória de militância política-intelectual, interessou-se pelos problemas sociais que afligiam a população brasileira de um modo geral e, em particular, o operariado, e refletiu sobre as suas causas e possíveis soluções. Foi um livre-pensador que procurou explicar o Brasil, seus contrastes, suas misérias e grandezas, e acreditou na via libertária para resolver os

problemas do país. Jaime Cubero, seu companheiro de afinidades afetivas e libertárias por mais de meio século, com quem tive o privilégio de conviver, contou que Leuenroth, pouco antes de falecer aos 86 anos, estava rodeado de papéis. Eram os manuscritos de um projeto libertário para a sociedade brasileira, possivelmente escrito durante os anos 60 do século passado, momento conturbado do país, em especial quando da instalação do regime militar no Brasil, em 1964.

Neste ensaio, compartilho minhas descobertas sobre ditos e escritos de Edgard Leuenroth, em especial os manuscritos ainda inéditos, em que ele refletiu sobre o desencontro do Brasil consigo mesmo e apresentou sua proposta libertária (em construção) para acabar em definitivo com as mazelas da sociedade brasileira.

### **Sobre o lidar com os manuscritos**

A obra inacabada de Leuenroth tem como título *Qual a solução para o problema do Brasil?* De forma interrogativa, ele se pergunta se há solução para os problemas que afligem o Brasil e sai em busca de uma proposta libertária para responder a sua inquietação. A documentação a que tive acesso é constituída de mais de uma versão de textos manuscritos e de textos datilografados com rasuras, emendas, anotações, inclusões, exclusões, enfim, um prototexto, isto é, um texto mas que ainda não é o texto. Diante das intervenções de Edgard nos seus escritos, busquei desvendar o segredo da sua elaboração. Por se tratar de uma obra em andamento, para lidar com as diferentes versões de um mesmo texto recorri à crítica genética, um campo relativamente novo de investigação que se dedica ao estudo dos manuscritos literários. A partir dos rastros, busca-se compreender o percurso criativo de um autor em direção a uma obra que ainda não é, que sofre transformação progressiva, que é mutável. O esforço é procurar entender o processo de criação, a

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

gestação da obra, aventurar-se pelos meandros do seu fazer, pelos bastidores da criação.<sup>7</sup>

Assim como o crítico genético, procurei trazer de volta ao fluxo da vida um objeto parado no tempo: os manuscritos de Leuenroth, preservados e conservados pelos companheiros de militância e imobilizados num arquivo particular. Ao retirar os textos armazenados num arquivo e revitalizar o fluxo da narrativa em construção por Edgard, procurei acompanhar os passos da composição da sua obra para estabelecer os possíveis nexos entre os vestígios deixados por Leuenroth, autor e leitor crítico de sua própria obra, marcada por intervenções como acréscimos, cortes, substituições, anotações, etc.

Como um *voyeur*, fui adentrando o espaço privado da criação de Leuenroth. Procurei acompanhar as variações da sua escritura, o movimento da sua mão na construção do texto, mão que fez escolhas, que eliminou e acrescentou, introduziu rasuras. Busquei elucidar o caminho trilhado pelo autor e me deparei com a complexidade da metamorfose que envolve um texto em construção, o documento em processo, mediado pelo olhar do pesquisador. Uma obra no seu vir-a-ser, que ainda não é, em constante transformação.

Nesse percurso criativo, o escritor tem uma relação consigo mesmo como primeiro leitor do seu próprio texto. Ele escreve e se lê, se autocomenta, corrige, modifica, reescreve e enriquece o texto. Na aventura de compreender os documentos do processo de criação, meu interesse se voltou para o entendimento da mudança das formas, ou seja, das modificações introduzidas nas diferentes versões dos fragmentos de uma obra incompleta. Ao trilhar o caminho da composição da obra, uma outra questão surgiu: como dar unidade ao conjunto dos documentos encontrados, fragmentos de manuscritos com versões datilografadas e de textos datilografados sem a versão manuscrita? Os estudos da crítica genética<sup>7</sup> me levaram às reflexões do cineasta

russo Serguei Eisenstein sobre a concepção de montagem, ou seja, como juntar os fragmentos recolhidos com o objetivo de dar-lhes uma unidade orgânica, de encontrar o tema que atravessa o conjunto da obra, isto é, o seu princípio unificador que subjaz na idéia de montagem filmica, desenvolvida por Eisenstein em seus livros *Reflexões de um cineasta* e *O sentido do filme*.

A leitura dos livros de Eisenstein foi inspiradora para pensar a montagem da obra de Leuenroth a partir dos fragmentos recolhidos. Na percepção do cineasta, a montagem como um princípio unificador ultrapassa os limites da simples junção de fragmentos. Nela, os elementos que a compõem deixam de existir como coisa independente e cada parte se liga uma à outra revelando um único tema de conjunto que atravessa toda a obra. A montagem consiste em ligar cada parte na outra e assim compor o conjunto, a arquitetura da obra, que deverá despertar no espectador um sentimento apaixonante. Os fragmentos formam um todo orgânico quando o tema, a idéia-chave e a composição se encontram ligados orgânica e indissolivelmente ao pensamento, à vida e ao ser do seu autor. No processo de criação, Eisenstein observa que a intuição do autor e sua sensibilidade estão absorvidos na sua obra, pela qual se busca construir uma imagem emotiva para sensibilizar o espectador-leitor.

Na montagem da obra inacabada de Leuenroth, procurei respeitar a organização original dos fragmentos tal como eles foram encontrados, mas não há como negar que ela é também fruto da intervenção objetiva e subjetiva da pesquisadora. O livro *Qual a solução para o problema do Brasil?* digitalizado contém 48 páginas e está dividido em 6 partes: 1) Panorama atual da realidade brasileira; 2) O Brasil na atual conjuntura mundial; 3) Como enfrentar, no Brasil, a situação do momento?; 4) A situação exige uma reforma social; 5) Transformação socialista da sociedade brasileira e 6) Bases fundamentais da sociedade socialista brasileira. Nessa obra



O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

em construção, quando “a morte que chega sempre pontualmente na hora incerta”, como diz o poeta Mario Quintana, o impediu de terminar, Leuenroth, com a sensibilidade de anarquista octogenário que ainda teimava em pelear pela causa libertária, mesmo com a saúde já bastante abalada, volta-se não para lamentar os desatinos do Brasil, mas em apontar um outro caminho para recriar um novo país.

### **O encontro libertário do Brasil consigo mesmo**

De forma semelhante aos (re)conhecidos intérpretes do Brasil tais como Darcy Ribeiro, Oliveira Vianna, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros, que procuraram explicar o Brasil como um país com identidade inconclusa, país do vir-a-ser, Leuenroth, durante um longo período da sua vida de militância anarquista, juntou-se ao coro dessas vozes que projetavam o Brasil como um país novo, Brasil de amanhã, país do futuro. E essa sua percepção se aproxima dos autores que compartilham o fundo-comum de idéias em que a identidade nacional se apresenta em construção, tão bem explorado na obra alentada de Maria Stella Martins Bresciani, *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*, marco na historiografia brasileira não só por tirar Oliveira Vianna do limbo historiográfico e incluí-lo entre os intérpretes do Brasil, mas também por colocar em diálogo fecundo vários outros autores que trataram do tema da identidade nacional atravessado pela idéia de carência, de incompletude.

Em artigo publicado em abril de 1920, em que denuncia os açambarcadores da riqueza nacional, Edgard destacava: “E o Brasil novo, o Brasil de amanhã, terra de liberdade e de bem-estar, aberta a todos os braços produtores e a todas as inteligências fecundas só se tornará realidade concreta quando, sacudido pelo furacão renovador, arremessar para o lixo da história

todas estas castas malditas de parasitas e sugadores que o infestam, que o estiolam, que o aviltam e que o infelicitam.”<sup>8</sup>

Apesar de se juntar às vozes dos autores que explicaram o Brasil como o país do amanhã, ainda por se fazer, Leuenroth vaticinava a passagem de um furacão renovador para varrer os parasitas que impediam o Brasil de encontrar a si mesmo. Defendia, em especial, a necessidade do país se livrar da “padralhada” que exercia forte influência católica sobre os governantes, por ele responsabilizados pelos desastrosos que impediam o país de encontrar o seu rumo. Anti-clerical, Leuenroth condenou com veemência, em artigo escrito em 1935, a relação estreita entre poder e Igreja, que se estabeleceu no país desde que o Brasil foi “achado” pela Coroa portuguesa. Afirmou: “sem padres, como se manteriam no poder os que nos exploram e nos oprimem, iludindo os tolos com as perspectivas de um paraíso que somente será dado a quem aguentar tudo bem quietinho, bem mansinho, para que os tiranos não sejam importunados na sua ociosidade e nos seus prazeres da terra? Resultado do catecismo em que a padralhada arde por afogar o Brasil do futuro.”<sup>9</sup>

Já nos seus manuscritos, possivelmente escritos quando Leuenroth já adentrava oitenta anos de idade, vê-se o anarquista convicto de que era chegada a hora do país se encontrar consigo mesmo. Vivenciando nos anos 60 o que ele denominou ser a passagem do “furacão renovador” a anunciar o “ocaso dos velhos moldes de civilização” e a acenar uma nova era para a humanidade, sua personalidade inquieta e inconformada, apesar da saúde frágil, levou-o a alimentar a esperança de implantar uma sociedade socialista libertária no Brasil, sonho acalentado desde que abraçou o anarquismo, no início do século XX. A mudança deveria se realizar num presente imediato e não num futuro impreciso.

Nos seus escritos de maturidade, afirmou que o Brasil tinha jeito desde que o povo se dispusesse a enfren-

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

tar uma transformação radical da sociedade brasileira. Edgard foi além do levantamento dos problemas que faziam do Brasil um país desencontrado consigo mesmo. Ele não só fez um balanço das mazelas que afligiam a população brasileira, mas propôs uma solução libertária para o Brasil deixar de ser o país do futuro e investir, em definitivo, no seu fazer-se. Assim, diferentemente de outros intérpretes que vão ao passado colonial para explicar os desajustes do país, afastava-se do mito de origem ao afirmar que o mal reside na base da organização da sociedade que aqui se constrói, alicerçada no privilégio de uns poucos que exploram os muitos que trabalham para engrandecer o país. Portanto, era preciso atuar na base dessa sociedade e nela buscar a solução para o país.

Na construção do seu texto, Leuenroth apresenta, inicialmente, um panorama da conjuntura internacional nos anos 1960 e a inserção do Brasil nesse contexto, seguido de um diagnóstico dos problemas que afligiam a sociedade brasileira, acompanhado da sua proposta de solução libertária. Para ele, o mal-estar da civilização burguesa atingia os países capitalistas. O mundo atravessava um período de remodelações na vida dos povos, de renovação que não se podia frear. Dizia que o mundo apresentava-se “como se fosse um imenso cadinho de fundição social, dentro do qual se entrecrocavam os sistemas estatais e de organizações governamentais para a moldagem de novas estruturas de convivência humana.” Ao fazer uso da metáfora da fundição social, procurou mostrar o movimento remodelador das bases fundamentais do sistema capitalista que acreditava estar em curso, principalmente no Oriente e que, segundo ele, em breve atravessaria o Atlântico e chegaria ao Brasil. E diante dessa nova configuração internacional, asseverou que o Brasil deveria enfrentar a situação com “decisão e firmeza e não por espírito de imitação ou, usando uma expressão vulgar, macaqueando ou buscando em outras bandas um modelo pré-fabricado para a nova organização da sociedade.”<sup>10</sup> Ele se posicionou

contra a importação de idéias, base da reflexão dos autores-intérpretes do Brasil que trabalham com a noção de incompletude quando abordam o tema identidade nacional, recortada pela idéia de carência, do que ainda nos falta para atingir o modelo de funcionamento ideal da sociedade burguesa.

A solução, portanto, dever-se-ia buscar no interior do próprio país, e não na importação de modelos pré-fabricados. Para ele, nossos problemas só podem ser solucionados por quem aqui vive, trabalha, produz e concorre para o progresso do país. Para enfrentar o que chamou de quadro de chocante desequilíbrio do Brasil, de contraste, de fosso entre uma pequena elite que desfruta as benesses e os prazeres do sistema capitalista e mantém a grande maioria da população brasileira mal alimentada, mal vestida, roída na sua saúde e mantida na ignorância, defende como única solução “substituir o regime de privilégios dominante que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte do trabalhador.”<sup>11</sup> Advoga o pertencimento do Brasil a todos os brasileiros efetivamente. E conclama todos que aqui vivem para o dever da luta, para se engajarem na campanha pela transformação do país a fim de libertá-lo das amarras que o impedem de encontrar a si mesmo.

Assevera que a reforma da sociedade brasileira deveria caminhar para o socialismo libertário. Mas, ele sabia que o maior obstáculo nessa cruzada libertadora seria enfrentar a “mentalidade atrofiadora do conformismo” que impinge respeito e submissão à ordem constituída. Sua palavra de ordem: reagir, lutar para libertar o país “de uma vez para sempre, dos elementos reacionários que não cessam de criar empecilhos aos anseios libertários do povo brasileiro (...) somente assim desaparecerá as causas da miséria e da opressão.”<sup>12</sup>

Miséria e opressão. Dois temas candentes que atravessam os escritos de Leuenroth. Para ele, os elementos propulsores da dinâmica burguesa, “odioso círculo com

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

o qual a burguesia defende os seus privilégios em detrimento dos interesses do povo brasileiro.” Ao traçar o panorama da sociedade brasileira, aponta a distribuição desigual de riqueza, “o cenário chocante que apresenta a vida brasileira (...) desde os seringais da Amazônia aos pampas sulinos (...) a carestia de vida que convive com taxas de lucro extraordinárias.” Diante deste quadro, afirma que os problemas do país são inerentes ao regime de produção capitalista e somente com uma nova organização da sociedade brasileira, pautada nos princípios anarquistas “haverá lugar para todos que queiram participar do convívio social na base dos direitos correspondentes aos deveres, para que dos esforços comuns resulte igual soma de bem-estar para todos. Não poderá, entretanto, haver lugar para quem pretenda viver da exploração do trabalho do próximo.”<sup>13</sup>

Nos manuscritos, vê-se o anarquista convicto de que é chegada a hora do país encontrar seu rumo. O futuro do Brasil dependia de reformas de base na sociedade brasileira. Com apelo reformista, propôs um projeto revolucionário com o objetivo de “suprimir a exploração do homem pelo homem, exercida por meio do salariado — característica da organização burguesa —, pondo dessa forma fim à divisão da sociedade em classes com interesses econômicos antagônicos (...) concomitantemente será abolido o Estado — órgão mantenedor da sociedade capitalista — que com sua engrenagem coatora, burocrática, extorsiva impede a estruturação da sociedade baseada numa organização federativa livre de todas as atividades produtivas do povo brasileiro.”<sup>14</sup>

Nos seus apontamentos sobre os elementos favoráveis à organização do socialismo libertário no Brasil, responde a uma indagação que diz ser alimentada por dúvidas provocadas pela perspectiva dessa radical remodelação da nossa estrutura social, qual seja, se seria possível funcionar a atividade coletiva do país com a devida eficiência sem a utilização do Estado hoje dominante. Com sua verve libertária argumenta:

“Parece-nos, entretanto, mais lógica a manifestação de estranheza provocada pela constatação de haver quem ainda julgue necessária a existência do Estado como fator de ordem social. Essa consulta encontra explicação no fato de se atribuir ao Estado o mérito da gestão da sociedade (...) Torna-se, pois, necessário examinar se esse conceito encontra alguma confirmação objetiva na realidade que todos estamos vivendo. Como ponto de partida deste exame, ter-se-ia de colocar o Estado no pelourinho de um julgamento social e submetê-lo a um estudo que deveria ter começo em sua origem e finalidade e, acompanhando o seu desenvolvimento, fazer-se a exposição dos resultados de sua obra no decurso de sua já longa existência diante da qual — num processo de metamorfose social — tem tomado as formas que a história registra.”<sup>15</sup>

Em sua avaliação cáustica sobre as diferentes experiências de regimes governamentais do Brasil, apresenta o regime colonial como “dominador e extorsivo”, a monarquia “estática e dominadora” e a república, desde 1889 até o presente “ainda não se fez a verdadeira República, ou seja, aquilo que está contido na definição etimológica: coisa pública, coisa do povo, portanto, coisa de todos e de cada qual e, na vida coletiva, administração das coisas e não do Estado-polvo, triturador da liberdade individual e sagador do produto do esforço da comunidade.”<sup>16</sup>

Leuenroth apregoa que a vida social deve se desenvolver à margem do Estado, considerado por ele “órgão parasitário, surgido por meio da violência e da astúcia para ser um instrumento governamental de domínio e de sucção.”<sup>17</sup> Ancorado nas reflexões de Kropotkin, anarquista russo, afirma que o Estado surgiu quando a vida coletiva já tinha estabelecido suas normas de convívio social e que a sociedade pode, portanto, viver sem ele.

O seu projeto para reformar a sociedade brasileira aponta para uma única direção: o caminho para o socialismo libertário. E justifica a viabilidade da sua pro-

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

posta argumentando que ela foi construída “de acordo com a evolução histórica do Brasil e dentro das condições atuais do ambiente brasileiro (...) A organização é prática, racional e sobretudo humana (...) sem artificialismos ou normas importadas, isento da preocupação de adotar denominações modernizadoras e estranhas aos nossos hábitos.”<sup>18</sup>

Observador arguto da realidade brasileira e participante ativo nos protestos e manifestações públicas, durante mais de meio século de vivência em terras paulistanas, ele se insurgiu contra os descaminhos do país que se refletiam na pobreza degradante em que vivia parcela significativa da população brasileira, nas condições ultrajantes de trabalho a que estava submetida a maioria dos trabalhadores e que conviviam com a contrastante ostentação de luxo de um grupo minoritário de pessoas que conduziam o país de acordo com os interesses de alguns poucos beneficiados. Inspirando-se no pensamento de Kropotkin, que definiu o anarquismo como uma ciência do social e pautando-se em princípios libertários e preceitos científicos, Leuenroth postulou a necessidade de uma reestruturação da sociedade brasileira, na qual o indivíduo seria sua unidade essencial e o solidarismo a sua força propulsora. Na nova organização social do Brasil, que tem a solidariedade como princípio fundante da organização livre, torna-se imprescindível organizar a sociedade de modo que “a terra e os instrumentos de produção, todos os bens sociais produzidos pelo esforço comum, sejam postos como patrimônio comum que são, a serviço da produção destinada a satisfazer as necessidades coletivas e não as ambições de riqueza de uma minoria capitalista.”<sup>19</sup>

Para enfrentar o que chamou de “regime de desordem imperante”, em que vigora a penúria na abundância, por ser o Brasil possuidor de grandes riquezas potenciais que não pertencem efetivamente a todos os brasileiros mas a uma minoria de sua população, ele insiste na necessidade de levar adiante uma campanha

destinada a enfrentar, de maneira corajosa, o mal radical que reside no regime capitalista de produção, no qual os capitalistas detêm o monopólio da riqueza produzida direta e efetivamente pelo povo trabalhador que, no entanto, constitui a classe pobre, sujeita às agruras de escassez do mais essencial à vida. A solução apontada por Leuenroth é “substituir o regime de privilégios dominante que concede aos capitalistas, senhores de todos os meios de produção, o direito de vida e de morte sobre o trabalhador.” Por acreditar no que chamou de “inegável pendor libertário do povo brasileiro”, manifestado em movimentos de rebeldia reivindicadora ao longo da história brasileira, Edgard apontou a necessidade premente de despertar o povo brasileiro do marasmo e da indiferença em que ele se encontrava e incitá-lo a lutar para se libertar, de uma vez para sempre, dos elementos reacionários que fazem prevalecer os seus interesses particulares em detrimento dos interesses da população brasileira.

Repartir o que já existe em prol do bem-estar comum: seu ponto de partida para mudar a situação existente. Sem destruições, nem violências. Os bens existentes, argumenta, são resultados dos esforços da geração atual e das anteriores e devem ser conservados e utilizados de acordo com os interesses da coletividade brasileira e não em proveito de uma minoria parasitária que comanda os destinos do país. A questão crucial que se coloca é sobre a possibilidade prática de se operar a reforma tão radical, vencer o atrofiador conformismo do povo brasileiro com o que existe, o respeito e submissão à ordem constituída, ao princípio de autoridade. Para Edgard, isso resulta do conceito retardatário e reacionário da intangibilidade do regime capitalista. Conformismo e resistência se mostram como interfaces do modo de agir, mas ele insiste no pendor libertário do povo brasileiro para levar adiante esse seu projeto revolucionário, que incide na radical reformulação da estrutura da sociedade brasileira para tornar possível o



O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

funcionamento da atividade coletiva do país, de maneira eficiente, por meio da cooperação.

Na sociedade socialista libertária, projetada por Leuenroth, o indivíduo seria sua unidade essencial e o solidariedade do povo brasileiro a força propulsora da nova sociedade, baseada no princípio de apoio mútuo, cujo lema “um por todos, todos por um” dispensa o Estado, o patronato e as formas intermediárias. A (re) estruturação da sociedade brasileira está assentada no federalismo libertário, princípio, como afirma Proudhon, que se opõe ao unitarismo centralizador e salvaguarda a soberania individual e a dos grupos que se constituem por afinidades de interesse e de costumes. O federalismo orienta-se pelo respeito à integridade da autonomia da unidade no conjunto, desde as atividades agremiativas nas comunas (municípios), destas em federações (profissionais, técnicas, científicas, culturais, recreativas, etc.) e finalmente nas confederações. A comuna goza de ampla autonomia e é baseada no princípio da administração das coisas e não na ação governamental sobre os indivíduos. Ela é a expressão dos interesses de cada localidade e dela fazem parte o indivíduo-município na sua dupla condição de produtor e de consumidor. A harmonia social está fincada no entrosamento produtor-consumidor. Com isso, rompe-se o círculo vicioso da carestia dentro da abundância, pois o aumento da produção representa perspectivas de benefícios para os consumidores e, assim, deixa de atender a finalidade capitalista de gerar lucro e acumular riquezas e deixar na penúria o povo trabalhador.

Seu projeto de reformar a sociedade brasileira é para que todos possam ter futuro. Se o mal reside na base do atual sistema, é nela que se deve atuar na busca de uma solução urgente e definitiva para os males que atornentam e que levam ao desassossego o povo brasileiro. O regime que propõe é o de bem-estar e de liberdade para todos, no qual todos os brasileiros desfrutam a igualdade de direitos em todas as modalidades de convivência so-

cial. Para o começo de uma nova era para o país, na qual se tem a igualdade como base, a liberdade como meio e a solidariedade como fim, acredita ser imperativo histórico do povo brasileiro considerar obsoleto o regime de exploração capitalista e lançar-se na construção de uma nova ordem social fundada na harmonia, que resulta da prática do livre acordo, da ajuda mútua. Agir nesse sentido significa suprimir a exploração do homem pelo homem.

A fim de tornar efetiva essa transformação, Edgard afirma ser necessário a abolição do Estado — órgão mantenedor da sociedade capitalista, com sua engrenagem coatora, burocrática e extorsiva — que impede a estruturação da sociedade baseada numa organização federativa livre de todas as atividades produtivas no país. Em seguida, deve-se socializar o patrimônio social que se encontra em poder de empresas, instituições, do Estado e de particulares, a ser repartido de acordo com o lema: “de cada um as suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades.” Propõe abolir cargos autoritários, instituições parasitárias, títulos de propriedade e distinções e privilégios. O trabalho constitui o elemento básico da vida na sociedade socialista libertária brasileira “mediante o qual será assegurado, em igualdade de condições, a todos os elementos produtores do país, o bem-estar facultado pelo patrimônio resultante do esforço coletivo.”<sup>20</sup>

Com base em princípios racionais e científicos do anarquismo, Leuronth propõe construir no Brasil a sociedade socialista libertária, libertando assim o país dos seus entraves: o regime de concorrência, do lucro, da tirania, do Estado. Considera que o seu projeto “reflete uma afirmação de consciência alimentada por princípios bem sentidos e bem pensados, uma afirmação de propósitos de ação, serena mas decidida contra todas as formas de tirania, de exploração e de embrutecimento contra o povo e de luta em prol da liberdade e bem-estar para todos.”<sup>21</sup>

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

Na sociedade assim concebida, todo brasileiro poderá aspirar a uma vida digna com o desfrute de uma alimentação saudável, um lugar para morar, acesso à instrução, à saúde com investimento em medicina preventiva, às ciências, artes e letras.

Implantar o socialismo libertário no Brasil. Eis o sonho acalentado por Leuenroth. Eis o seu modelo de sociedade do bem-viver. Nos seus escritos, ele se insurge contra a indiferença, a insensibilidade e a ganância dos que acumulam riquezas e se voltam para si mesmos. No mundo contemporâneo em que grassa o egoísmo, o individualismo desenfreado, a ascensão da insignificância e da arrogância, trazer à tona os escritos de Edgard reatualiza as preocupações dos que se importam com o bem-estar social, com o viver junto em harmonia compartilhando conquistas e desafios. Por acreditar na possibilidade de uma humanidade mais fraterna e solidária, Leuenroth repõe, no seu projeto libertário, a fantasia, a imaginação, a esperança, a utopia. Sua proposta de solução dos problemas do Brasil encerra em si a frase de Gandhi: “se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas mudar a história.”

## Notas

<sup>1</sup> Edgard Leuenroth. *Dados autobiográficos*. Manuscrito, s/d.

<sup>2</sup> Victor Hugo. “A imprensa” in *O Boi*. São Paulo, 12 de setembro de 1897, ano I, nº 5, p. 1.

<sup>3</sup> Dados extraídos das anotações de Edgard Leuenroth, no manuscrito (s/d) intitulado *Ficha de identidade*.

<sup>4</sup> Sobre o processo-crime envolvendo Edgard Leuenroth pela sua participação no movimento grevista de 1917 consultar: Christina da Silva Roquette Lopreato. “O processo Edgard Leuenroth” in *O espírito da revolta. A greve geral anarquista de 1917*. São Paulo, AnnaBlume/FAPESP, 2000, p. 187-197.

<sup>5</sup> Edgard Leuenroth. *Auto-defesa*. Mimeografado, 1935.

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Obras consultadas: Cecília Almeida Salles. *Crítica genética: uma (nova) introdução*. São Paulo, EDUC, 2000; Phillippe Wilemart. *Universo da criação literária: crítica genética, crítica pós-moderna*. São Paulo, EDUC, 1993.

<sup>8</sup> Edgard Leuenroth. *A organização dos jornalistas brasileiros 1908-1951*. São Paulo, Com-Arte, 1987, p. 27.

<sup>9</sup> Leão Xisto (pseudônimo de Edgard Leuenroth). “Afinal, quem são os extremistas?” in *A Lanterna*. São Paulo, 05 de outubro de 1935, n° 401, p. 1.

<sup>10</sup> Edgard Leuenroth. *Qual a solução para o Brasil?* Texto digitalizado, p. 6.

<sup>11</sup> Idem, p. 1.

<sup>12</sup> Edgard Leuenroth. *Qual a solução para o problema do Brasil?* Texto digitalizado, p. 4.

<sup>13</sup> Idem, p. 13.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 18.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 5.

<sup>20</sup> Em suas anotações, Leuenroth considera que “naturalmente, estarão isentos dessa obrigação as pessoas que a isso estejam impedidas em consequência de enfermidade, invalidez ou outras circunstancias de força maior”. Cf. *Qual a solução para o problema do país?* Texto digitalizado, p. 24.

<sup>21</sup> Idem, p. 46.

O (des)encontro do Brasil consigo mesmo: ditos e escritos...

#### RESUMO

*Edgard Leuenroth (1881-1968), anarquista brasileiro, no seu percurso de militância política-intelectual interessou-se pelos problemas que afligiam a população brasileira de um modo geral e, em particular, o operariado e refletiu sobre as suas causas e possíveis soluções. Usou a pena e a voz para explicar o Brasil, seus contrastes, suas misérias e grandezas e formulou, já octogenário, uma proposta libertária para resolver em definitivo os problemas do país. Neste ensaio, a autora perscruta, nos textos manuscritos de Edgard, em sua grande maioria ainda inéditos, as reflexões de Leuenroth sobre os (des)caminhos do país em que ele aponta os problemas que impedem o Brasil de encontrar a si mesmo e propõe a ruptura com o sistema capitalista como base do seu projeto de radical remodelação da sociedade brasileira*

*Palavras-chave: Edgard Leuenroth, anarquismo, manuscritos.*

#### ABSTRACT

*Edgard Leuenroth (1881-1968), Brazilian anarchist. In his way thru political-intelectual activities he was in general concerned about Brazilian population problems, and specifically about the workers problems, reflecting on these problems causes and possible solutions. He used his voice and writings to explain the inequalities, poverties and greatness in Brazil. About his eighties, Leuenroth developed a libertarian proposal to definitely solve this country problems. In this essay the authoress scrutinizes Edgard's manuscripts (which are most unpublished) into his considerations about this country (un) ways. Leuenroth points Brazil's problems in knowing itself and suggests a breaking with capitalist system based on his radical project about Brazilian society remodelling.*

*Keywords: Edgard Leuenroth, anarchism, manuscripts.*

*Recebido para publicação em 12 de janeiro de 2009. Confirmado em 2 de março de 2009.*